



# **A** CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira  
Manuel Ferro  
Coordenação

## CAMÓES E(M) GARRET

Nascido em fevereiro de 1799, Garrett tinha apenas 21 anos quando a força armada sediada no Porto “justamente e com toda a legitimidade fez e protegeu a feliz revolução do dia 24 de Agosto” (são palavras suas). A eclosão do movimento de 1820 será saudada pelo jovem acadêmico da Universidade de Coimbra num texto que endereça ao Congresso Nacional no ano seguinte, para ele o Ano I de uma nova era em Portugal<sup>1</sup>: a era da justiça, da liberdade, da igualdade. Vale a pena ler algo da sua dedicatória ao mesmo tempo lúcida e apaixonada, dignificante e repassada de uma certa pretensão juvenil; assim começa ele:

Aos pais da Pátria ofereço a defesa da causa dela. Os verdadeiros portugueses não carecem das poucas luzes deste escrito para conhecerem a justiça, com que o heroísmo de poucos homens os libertou do jugo de tantos: os sentimentos de liberdade, e valor nasceram com eles. [...] Mas nem só a Portugueses me dirijo: eu falo à Europa, e ao mundo falo com intrepidez, porque falo a simples verdade.<sup>2</sup>

Dirige-se em seguida “Aos Leitores”, enumerando as etapas da felicidade que assaltou os verdadeiros Portugueses ao experimentar “o prazer súbito do maior dos bens”, a Liberdade; do “santo furor” haviam passado a um entusiasmo “mais sólido” e prudente, evitando a todo custo “lavar as aras da Liberdade com o sangue vil”<sup>3</sup>. E, revelando desde já o que será um vezo seu ao longo de sua produção literária, faz anteceder o texto propriamente dito de um terceiro paratexto: “Introdução”, iniciada por um breve período: “Já temos uma Pátria, que nos havia roubado o despotismo.” Adiante, acrescenta: “o sol da liberdade brilhou no nosso horizonte, e as derradeiras trevas do despotismo foram, dissipadas por seus raios, sepultar-se no Inferno.” Mais à frente, recorrendo a tom oratório bastante persuasivo, a interpelar o leitor / ouvinte

---

<sup>1</sup> Almeida GARRETT, *Obras de ...* Porto, Lello & Irmão, 1963, v. I, p. 1043.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 1045.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 1047.

e a responder-lhe, lembra os verdadeiros portugueses do passado, aqueles mesmos, paradigmáticos, que estão n' *Os Lusíadas*:

Qual era dentre nós, que se não pudesse chamar oprimido? Qual há dentre nós, que se não possa chamar libertado? Qual foi o Português que não gemeu, que não chorou ao som dos ferros? Qual é o Português que não folgará com a liberdade? Nenhum por certo: os netos de Moniz, de Nun'Álvares, de Gama, de Castro, de Pacheco, são o que sempre foram - Portugueses.<sup>4</sup>

Entrando, finalmente, no texto, afirma: “Os homens são iguais porque são livres; e são livres porque são iguais.” e prossegue, corajosamente apontando erros e vícios morais, causadores da corrupção dos costumes, para concluir que “o governo de Portugal até ao dia 24 de Agosto era tirânico, despótico e injusto”.

No ano anterior, para festejar o nascimento de uma princesa, Garrett se dispusera a escrever um “elogio dramático” intitulado “O amor da Pátria”, que ficou inacabado. A peça tem como “lugar da cena” “Os Elísios”, espaço sem tempo, o que permite a presença simultânea de personagens de épocas diversas: dois reis – D. João II e D. Dinis –, aquele que foi a maior figura da história de Portugal no Oriente – Afonso de Albuquerque –, Camões e a deusa da sabedoria – Minerva –, que os levou ao “templo sacrossanto”, chamando-lhes “Dinis excelso, / Extremado João, vate sublime, / Guerreiro ilustre”. O fragmento dramático é ainda imaturo, mas nos breves dezassete versos da fala de Camões a D. João II ressoa a sua voz de sujeito lírico dos excursos d' *Os Lusíadas*, a reiterar a consciência do valor do seu canto e o seu extremo amor à pátria, pátria ingrata que não o soube reconhecer, mas de que ele diz: “um só momento / Nunca deixei de amar, adoro-a ainda”. No poema épico, pela voz de Vasco da Gama, o Poeta sintetizara a caracterização do rei, em quatro versos impecáveis:

Este, por haver fama sempiterna,  
Mais do que tentar pode homem terreno,  
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora  
Os términos que eu vou buscando agora.<sup>5</sup>

No poema de um Garrett ainda incipiente, é o próprio Camões que ressalta o valor do rei, sem o deixar esquecer que, se “nos fastos” da “Europa e da Terra” seu nome “vive, e brilha”, é porque, como diz sem disfarce, “Meu canto o consagrou à eternidade; / Pela voz da razão clama ao universo / *Que ensinaste a ser reis os reis do mundo.*”

Se deixarmos de parte um soneto da extrema juventude, intitulado “Camões náufrago”, acredito que este texto, embora incompleto, tenha sido o primeiro em que Garrett trouxe com certa força, para a cena, o poeta que admira e quer celebrar em sua condição de artista máximo e homem sensível, magoado por não ter recebido da pátria “o favor com que mais se acende o engenho”.

---

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 1049.

<sup>5</sup> Luís de CAMÕES, *Os Lusíadas*. Comentados por Augusto Epiphanio da Silva Dias, 2. Ed. Melhorada, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1916, Canto IV, estr. 60.

Antes mesmo de escrever *O amor da Pátria*, já estava Garrett rascunhando o seu *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*; é o que ele diz na sua “Advertência”, escrita quase aos vinte e dois: “tanto o poema como as notas e o ensaio são da minha infância poética; são compostos na idade de dezassete anos.” Data, pois, dos seus bem verdes anos a admiração que nutre pelo poeta que

... foi para tão longe da ingrátíssima pátria despicar-se de seu desamor com a mais nobre vingança: a de levantar-lhe um padrão, com que não entram as idades, e que conservará ainda o nome português quando já ele houver desaparecido da Terra.<sup>6</sup>

Louva sua “erudição (pois sabia quanto se soube em seu tempo) [e] engenho dos que vêm ao mundo de séculos a séculos”; considera todos os outros poetas pigmeus perante aquele que

... abri[u] um caminho novo, cri[ou] a poesia moderna, d[eu] não só a Portugal, mas à Europa toda um grande exemplo, e constitui[u]-se o Homero das línguas vivas.<sup>7</sup>

Mas será depois de 1823, já exilado no Havre, que começará a escrever o seu primeiro texto longo e bem realizado, que ele qualifica como “obrita” em carta a seu amigo Duarte Lessa, acrescentando:

A obra é um poema em 10 cantos, cujo título e assunto é – Camões –. Suas aventuras e suas composições formam o fundo histórico; mas *Os Lusíadas* ocupam a cena... – A acção é a composição d’ *Os Lusíadas* – e portanto grande parte do meu poema uma análise poética dele.<sup>8</sup>

Terá totalmente razão o autor na caracterização que faz do seu poema? Não me parece. Talvez concorde com o que ele considera o fundo histórico, mas não com ser a ação a composição d’ *Os Lusíadas*. Começo por hesitar entre os dois sentidos básicos da palavra *composição*, o dinâmico ou o estático: o acto de compor ou o seu efeito? De qual deles diz Garrett que faz a análise poética? Não a vejo, nem de um, nem de outro. Haverá, isso sim, a valorização da epopeia e do seu autor: deste, através do seu comportamento, das suas atitudes, dos julgamentos feitos pelo narrador do poema oitocentista; daquela, através da citação, da paráfrase e do pastiche, como já observou, e muito bem, Carlos Reis. Na carta há pouco citada, de Julho de 1824, Garrett expõe ao amigo como compôs o *Camões*, muito conscientemente:

Dei-lhe um tom e um ar de romance para interessar os menos curiosos de letras, e geralmente falando o estilo vai moldado ao de Byron e Scott (ainda

---

<sup>6</sup> Almeida GARRETT, *Op. Cit.*, v. I, p. 492.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 492-3.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 1382.

não usado nem conhecido em Portugal) mas não servilmente e com *macacaria*, porque *sobretudo* quis fazer uma obra nacional. [...] Porventura me criticarão a novidade de fazer um poema assunto de outro: sei que sou o primeiro que me atrevo a isso [...]”.<sup>9</sup>

Esta inovação lhe agrada, e tanto, que mais tarde porá em *Um auto de Gil Vicente* a representação das *Cortes de Júpiter*, com suas figuras e alguns de seus versos, trazendo à cena, para o momento em que faz renascer o teatro português, o dramaturgo que “abriu os fundamentos ao teatro das línguas vivas”. Mas não é tudo: também é personagem das *Cortes* Bernardim Ribeiro (enxertado pela criação garrettiana que se fundamenta em lendas que correm sobre o autor mais “romântico” do quinhentismo), definido no *Bosquejo* como aquele a quem “o que lhe falta em sublime e culto sobeja-lhe em brandura, e numa ingénua ternura que faz suspirar de saudade.” Não tão inovador era o jovem autor em “fazer um poema assunto de outro”, pois que, no teatro, tinha pelo menos três antecessores no século XVI, que faziam de um auto assunto de outro: Gil Vicente, no *Auto da Lusitânia*, o Chiado, no *Auto da Natural Invenção*, e o próprio Camões, no *Auto de El-Rei Seleuco*. O jogo da intertextualidade é bem antigo na literatura portuguesa...

Por que trazer Camões para o presente, fazendo-o protagonista de uma história triste num poema que tem “um tom e um ar de romance”, história triste de um homem-cidadão-poeta, frustrado em seus três amores: Natércia está morta; a pátria, por quem lutou, que tanto ama, “mãe descarável”, o enjeitou; o poema, acolhido com entusiasmo por D. Sebastião, que lhe promete fazer mercê, será esquecido “no apreste / Da jornada fatal” que ocupava todo o “malfadado moço que em sua cólera / Rei dera o céu ao povo lusitano”? A pergunta é meramente retórica, já que a resposta, todos a sabem: pela projeção do retratado no retratador, ambos amantes da pátria, ambos exilados, ambos poetas, enfrentando a dificuldade de imprimir-se. Só a frustração amorosa ainda não os aproximava; viria mais tarde para Garrett. Pelo desejo de reviver um momento histórico em descida, que tanto se assemelhava ao que vivia, e ao mesmo tempo de recuperar as glórias celebradas no poema épico, tentando injetar sangue vivo dos heróis do passado nas veias ressequidas dos homens do presente. Em excelente ensaio sobre “Intertextualidade e ideologia: uma imagem romântica de Camões”, Carlos Reis quase não nos deixa matéria a explorar, tal a acuidade e detença com que trata de cada ponto levantado no poema. Retomo, pois, algumas afirmações suas sobre a relação arquiteitual entre o *Camões* e *Os Lusíadas*, e que contribuem, sem que o explicito, para o reconhecimento da qualidade literária do poema romântico:

... Garrett pretende tacitamente vincar que o cânone perfillado não constitui uma norma rígida, mas uma directriz de criação estética susceptível de consentir a margem de originalidade que ajuste o poema a circunstâncias históricas e ideológicas naturalmente diversas das que caracterizam a epopeia camoniana;

---

<sup>9</sup> *Ibidem*.

[...] a inflexibilidade de um modelo atentaria contra a liberdade criativa que a viragem para o Romantismo começava a conquistar de modo irreversível.<sup>10</sup>

Teria interesse aproximar dessas palavras do ensaísta contemporâneo as do crítico neoclássico José de Urcullu, que, em carta a Duarte Lessa, queixa-se da falta de *unidade* do poema, diante do qual se sente como quem fita um quadro formoso, mas não percebe o que o artista quis expressar. Não entende a invocação inicial à Saudade, acha-a mais que dispensável, danosa à clareza do poema, já que “de esta falta de exposición nace la oscuridad que reyna en todo el canto”<sup>11</sup>. Preferiria que, em vez de transformar a Saudade em deidade, Garrett tivesse invocado a *sombra* de Camões, ou sua divina *pena*, ou mesmo a “Pátria”. Critica ainda a passagem de tom, do sublime ao familiar e ainda o não se saber, até ao terceiro canto, quem é o herói do poema. A recepção de Urcullu padecia do facto de estar ele ainda preso ao classicismo arcádico, mas também de uma boa dose de insensibilidade para o fenómeno poético. A presença da Saudade à entrada do poema, naquele lugar destinado à(s) Musa(s), nomeada(s) ou não, desde Homero, passando por Virgílio, é dos mais felizes achados do poeta, que será, desde então, romântico, embora não queira confessá-lo. Para Carlos Reis,

A primeira impressão que se colhe, desde a primeira leitura da estrofe transcrita, é a do carácter vernáculo do léxico, capaz de evocar uma atmosfera cultural classicista: vocábulos como “pungir”, “misérrimo”, “inda” e “ovante”, associados ao latinismo “númen” várias vezes repetido, valem sobretudo pelas conotações que os envolvem, as quais remetem a uma espécie de linguagem-matriz que é a do discurso camoniano.<sup>12</sup>

Para mim, apesar do léxico (do qual não encontro n’*Os Lusíadas* nem “pungir”, nem “númen”), o que o texto cria em mim é o clima de melancolia, isolamento, exílio, em suma, saudade. Dificilmente poderia dizer que esta é ou foi a minha *primeira* impressão, hoje tão distanciada de mim como a felicidade do menino pessoano que se pergunta: “E eu era feliz?” para responder-se: “Fui-o outrora agora.” Agora – e creio que desde sempre – o que me fica é muito mais a emoção criada pela presença insistente da Saudade do que pela camada significativa através da qual esta é expressa. E é esta Saudade, sinalizando à entrada do poema, que lhe dá o tom, como diapasão usado para que se afinem os instrumentos e as vozes. Talvez porque assim penso é que divirjo algum tanto da posição do meu colega e amigo Carlos Reis, quando, falando da transição do intertexto à ideologia – e nisto estamos de acordo! –, diz:

---

<sup>10</sup> Carlos REIS, *Construção da leitura*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 1982, p. 67.

<sup>11</sup> Ofélia M. C. MONTEIRO, *A formação de Almeida Garrett*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, v. 11, 1971, p. 167.

<sup>12</sup> Carlos REIS, *Op. Cit.*, p. 71.

... é ao serviço dessa afirmação ideológica que naturalmente se encontram as linhas de força do herói representado na epopeia, bem como as relações intertextuais que ele inspira.<sup>13</sup>

A pequena dúvida que tenho, em decorrência do que acabo de pôr em causa, origina-se em se considerar que as “linhas de força” do herói estão “ao serviço da afirmação ideológica”; sinto-as como **também** nesta função, mas sobretudo na caracterização do herói como o poeta satúrnio, marcado por “estrelas infelices” às quais não pode escapar, pois “com ter livre alvedrio, mo não deram, / que eu conheci mil vezes na ventura / o melhor, e o pior segui, forçado.” É o poeta máximo que assim se define na Canção X, à qual tomo versos finais, parodiando: “no mais; que irei falando / sem o sentir, mil anos.” Haveria tanto a dizer desses dois poetas cujos fios tantas vezes se entrecruzam, puxados pelos dedos sábios e reverentes do mais novo, a criar um novo texto, de cuja qualidade estética não há como duvidar<sup>14</sup>. O poema *Camões* acompanha os dias finais do épico e de seu país: “Pátria, ao menos / Juntos morremos... E expirou com a pátria.”

Antes, porém, ele exprimira um desejo:

Soberbo Tejo, nem padrão ao menos  
Ficará de tua glória? Nem herdeiro  
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,  
Generoso Amazonas, o legado  
De honra, de fama e brio: não se acabe  
A língua, o nome português na terra.<sup>15</sup>

Há mais de cinquenta anos recebi o legado e venho lutando para que se mantenha e divulgue a língua e a cultura de Portugal na terra do Amazonas generoso.

---

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 72.

<sup>14</sup> Almeida GARRETT, *Camões*. Apresentação crítica, notas e sugestões para análise literária de Teresa Sousa de Almeida, Col. “Textos Literários”, Lisboa, Editorial Comunicação, 1986, p. 14.

<sup>15</sup> Luís de Camões, *Op. Cit.*, Canto X, estr. 21.